Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação — REASE

doi.org/10.51891/rease.v12i11.32313

ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NAS PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM SAÚDE: IMPLICAÇÕES PARA A SEGURANÇA ASSISTENCIAL E QUALIDADE DO CUIDADO

THE ROLE OF NURSES IN INTEGRATIVE AND COMPLEMENTARY HEALTH PRACTICES: IMPLICATIONS FOR PATIENT SAFETY AND QUALITY OF CARE

Claudiane Rodrigues de Almeida Mansur[1]
Patricia Silvestre Limeira[2]

RESUMO: No Brasil, a Enfermagem foi uma das pioneiras a utilizar as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS). Reconhecidas e institucionalizadas no Sistema Único de Saúde por meio da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), as PICS estão ganhando cada vez mais espaço no processo assistencial, principalmente por auxiliarem numa abordagem integral e centrada no indivíduo. Com isso, o presente estudo objetivou analisar os dados disponíveis sobre a atuação dos enfermeiros nas PICS e suas implicações para a segurança assistencial e qualidade do cuidado, por meio de uma pesquisa de natureza exploratório-descritiva, com enfoque qualitativo, desenvolvida por meio de uma revisão integrativa da literatura. Como resultado, constatou-se que o enfermeiro desempenha papel ativo na inserção das PICS nos serviços de saúde, com uma gama de possibilidades de atuação nos diferentes níveis de atenção. Entretanto, foram identificadas limitações relacionadas à formação profissional e às condições necessárias para sua implementação, incluindo estrutura, recursos, suporte institucional e disponibilidade dos estudos científicos acerca das práticas. Foi possível concluir que a capacitação do enfermeiro, uso de protocolos e práticas fundamentadas em evidências científicas constituem elementos relevantes para uma atuação segura, enquanto a qualidade do cuidado parece estar envolvida com aspectos relacionados à forma de como o atendimento é conduzido e de como a relação profissional-paciente é estabelecida.

Palavras-chave: Práticas integrativas e complementares em saúde. Cuidados de enfermagem. Segurança do paciente. Qualidade da assistência em saúde.

ABSTRACT: In Brazil, nursing was among the first healthcare professions to adopt Integrative and Complementary Health Practices (ICHPs). Recognized and institutionalized within the Unified Health System (SUS) through the National Policy on Integrative and Complementary Practices (PNPIC), these practices have been gaining increasing prominence in healthcare, particularly because they contribute to a comprehensive and person-centered approach. Therefore, this study aimed to analyze the available evidence regarding nurses' roles in ICHPs and their implications for patient safety and quality of care. This exploratory-descriptive study adopted a qualitative approach and was conducted through an integrative literature review. The findings indicated that nurses play an active role in incorporating ICHPs into healthcare services, with a wide range of opportunities for practice across different levels of care. However, limitations related to professional training and the conditions required for implementation were identified, including infrastructure, resources, institutional support, and the availability of scientific studies on these practices. It was concluded that nurses' professional training, the use of protocols, and evidence-based practices are important elements for ensuring safe practice, while quality of care appears to be associated with how care is delivered and how the relationship between healthcare professionals and patients is established.

Keywords: Complementary therapies. Nursing care. Patient safety. Quality of health care.

[1] Curso de Enfermagem. Centro Universitário IESB, Brasília.
[2] Orientadora. Professora do curso de Enfermagem do Centro Universitário IESB, Brasília. Bióloga formada pela Universidade de Brasília (UnB).

1 INTRODUÇÃO

As Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) se compreendem por atividades que operam com recursos não alopáticos e estão se concretizando cada vez mais no campo da atenção à saúde por ampliarem as alternativas terapêuticas e favorecerem uma observação integral do indivíduo. Ao contrário de modelos de cuidados de caráter mais fragmentados, as PICS prezam pelo vínculo terapêutico, com uma escuta qualificada e participação ativa daquele a quem a recebe. Essas características podem favorecer uma assistência que considera as diferentes dimensões das necessidades de saúde dos usuários (Habimorad *et al.*, 2020; Diniz *et al.*, 2022).

Através da Portaria nº 971 de 2006, as PICS foram oficialmente legitimadas no Sistema Único de Saúde (SUS) com a criação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC). A política conta com diretrizes voltadas à prevenção de agravos, promoção e recuperação da saúde, usufruindo de tecnologias de cuidado seguras e eficazes, e um entendimento expandido do processo saúde-doença (Andres *et al.*, 2020; Habimorad *et al.*, 2020).

Nos anos subsequentes, a PNPIC foi ampliada contemplando novas práticas ao SUS e fortalecendo sua presença na rede de atenção à saúde. Atualmente conta com 29 práticas oficiais, dentre elas a acupuntura, massoterapia, aromaterapia, auriculoterapia entre outras que sustentam a perspectiva de cuidado integral e humanizado, orientado por evidências científicas de eficácia, qualidade e segurança do serviço ofertado (Pereira; Souza; Schveitzer, 2022; Brasil, 2026). No contexto da Atenção Primária à Saúde, estudos também identificam a presença da auriculoterapia, da arteterapia, do Reiki e do uso de plantas medicinais, evidenciando a diversidade de práticas incorporadas aos serviços e suas possibilidades de integração ao cuidado de enfermagem (Diniz et al., 2022; Pereira; Souza; Schveitzer, 2022).

No âmbito nacional, a Enfermagem foi uma das primeiras categorias a reconhecer as práticas integrativas como parte do cuidado. Essa inserção está relacionada à proximidade e à continuidade do contato dos enfermeiros com os pacientes, características que favorecem o estabelecimento do vínculo terapêutico, a identificação das necessidades individuais de saúde e o acompanhamento das respostas às intervenções realizadas (Dorneles *et al.*, 2020). Essas particularidades potencializam a atuação da enfermagem nas PICS, ampliando as possibilidades de intervenção no cuidado, fortalece a autonomia profissional e contribui para uma assistência mais individualizada, integral e humanizada (Branco *et al.*, 2020; Wickert *et al.*, 2024).

Nesse sentido, o papel do enfermeiro assume caráter estratégico, pois esse profissional participa de diferentes etapas do processo assistencial e mantém contato próximo com o usuário.

A capacidade de avaliar, orientar, registrar e acompanhar as intervenções permite ao enfermeiro contribuir para a integração segura das PICS ao plano de cuidados. Para que isso ocorra adequadamente, entretanto, é necessário que o profissional disponha de formação compatível, atualização permanente e conhecimento sobre os limites éticos e legais de sua atuação (Conselho Federal de Enfermagem, 2024).

Outro ponto importante diz respeito ao aumento do empreendedorismo na enfermagem. Nos últimos anos, um número crescente de enfermeiros tem investido em consultórios, clínicas especializadas e serviços autônomos focados na saúde integrativa. Essa tendência não apenas amplia as oportunidades de inserção profissional, mas também fortalece a valorização da profissão no mercado da saúde (Conselho Federal de Enfermagem, 2024; Wickert *et al*., 2024).

Embora as PICS apresentem potencial para ampliar as possibilidades de cuidado e fortalecer a integralidade da assistência, sua utilização responsável exige conhecimento técnico-científico, avaliação individualizada, comunicação efetiva e monitoramento dos resultados. Diante desse contexto, torna-se relevante analisar a atuação do enfermeiro nas Práticas Integrativas e Complementares em Saúde a partir de uma perspectiva que articule autonomia profissional, formação, regulamentação, segurança assistencial e qualidade do cuidado.

2 MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa de natureza exploratório-descritiva, com enfoque qualitativo, desenvolvida por meio de uma revisão integrativa da literatura. Foi produzida a fim de reunir e analisar evidências científicas acerca do papel da enfermagem PICS, assim como entender os cuidados e responsabilidades do enfermeiro, considerando suas implicações para a segurança assistencial e a qualidade do cuidado.

A busca bibliográfica foi conduzida nas bases Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE) por meio da PubMed, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) por meio da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), e Scientific Electronic Library Online (SciELO). Como estratégia complementar, foi utilizado o Google Acadêmico (Google Scholar) para a identificação de publicações com temáticas específicas que contribuíssem ao desenvolvimento do estudo.

Foram empregados os seguintes descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e termos correspondentes em português e inglês: "Enfermagem", "Enfermeiros", "Práticas integrativas e terapias complementares", "Medicina integrativa", "Segurança do paciente" e "Qualidade da assistência à saúde", combinados pelos operadores booleanos AND e OR.

Foram considerados artigos científicos completos publicados em português e inglês entre 2020 e 2026, e que tratam da atuação do enfermeiro em práticas integrativas e complementares em saúde, com pertinência para a segurança do paciente e qualidade do cuidado, bem como estudos multiprofissionais e revisões da literatura que apresentassem contribuições relevantes sobre a participação da enfermagem nessas práticas, considerando suas implicações para a segurança assistencial e a qualidade do cuidado.

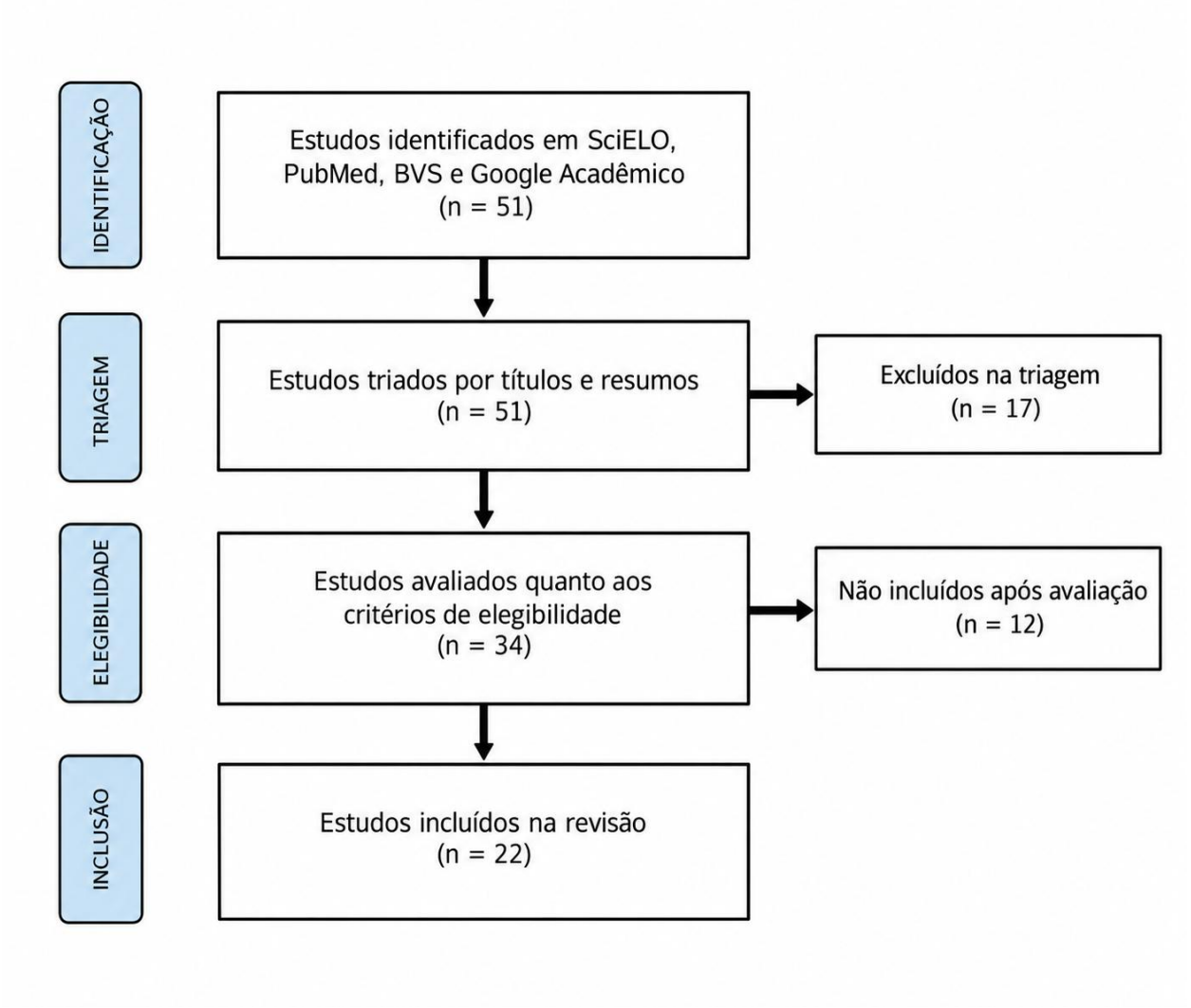
Foram excluídos artigos duplicados, trabalhos incompletos, teses, dissertações, resumos simples e publicações que não contribuíram ou apresentaram relação direta com a temática proposta. Para a análise dos dados, os estudos selecionados foram organizados em um quadro sinóptico contendo autores, referências, tipo de pesquisa e principais resultados. As informações foram examinadas de forma descritiva e interpretativa, permitindo a comparação dos achados e sua devida organização.

3 RESULTADOS

A triagem documental reuniu inicialmente 51 publicações potencialmente relacionadas ao tema. A aplicação dos critérios de inclusão e exclusão resultou na retirada de 17 publicações, permanecendo 22 artigos na síntese integrativa. As fontes normativas e institucionais utilizadas para contextualização da PNPIC e da regulamentação profissional não foram contabilizadas na amostra.

Os 22 estudos incluídos na revisão foram publicados entre 2020 e 2026 e apresentaram diferentes delineamentos metodológicos, abrangendo pesquisas quantitativas, qualitativas, de métodos mistos, pesquisa-ação e revisões da literatura. A análise dos estudos permitiu organizar os resultados em três eixos principais: a atuação do enfermeiro nas Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), suas implicações para a segurança assistencial e a qualidade do cuidado, e os desafios relacionados à formação e à implementação dessas práticas. A maioria dos estudos abordou as PICS na Atenção Primária à Saúde, enquanto as pesquisas internacionais destacaram o conhecimento, as atitudes e a comunicação dos profissionais de enfermagem sobre as terapias complementares.

Figura 1 – Fluxograma detalhado sobre a seleção dos artigos



Quadro 1 – Principais características dos artigos

AUTOR(ES)	REFERÊNCIAS	MÉTODO	PRINCIPAIS RESULTADOS
Andres et al. (2020)	Conhecimento de enfermeiros acerca das práticas integrativas e complementares em saúde. Research, Society and Development, v. 9, n. 7, e969975171, 2020.	Estudo quantitativo	Enfermeiros reconhecem modalidades de PICS e sua possibilidade de implementação, mas nem todos demonstram interesse em atuar na área.
Barbosa et al. (2020)	Oferta de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde na Estratégia Saúde da Família no Brasil. Cadernos de Saúde Pública, v. 36, n. 1, e00208818, 2020.	Estudo de abrangência nacional sobre oferta de serviços	Aponta diferenças na oferta de PICS entre serviços e localidades; resultados são contextuais, não específicos de enfermeiros.
Branco et al. (2020)	Atuação da enfermagem nas práticas integrativas e complementares. Saúde Coletiva, v. 10, n. 55, p. 2751–2764, 2020.	Revisão bibliográfica	Discute possibilidades de atuação da enfermagem nas PICS e a importância da qualificação profissional.
Dorneles et al. (2020)	Enfermagem e as Práticas Integrativas e Complementares em saúde: uma revisão integrativa. Research, Society and Development, v. 9, n. 9, e4459997446, 2020.	Revisão integrativa	Identificou quatro eixos: conhecimento sobre PICS, atuação da enfermagem, cuidado de doenças crônicas e ensino na graduação.
Habimorad et al. (2020)	Potencialidades e fragilidades de implantação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. Ciência & Saúde Coletiva, v. 25, n. 2, p. 395–405, 2020.	Revisão da literatura	Sintetiza potencialidades e dificuldades na implantação da PNPIC; fonte contextual, não exclusivamente de enfermagem.

AUTOR(ES)	REFERÊNCIAS	MÉTODO	PRINCIPAIS RESULTADOS
Zeighami e Soltani-Nejad (2020)	Knowledge, attitude, and practice of complementary and alternative medicine: a survey of Iranian nurses. Journal of Research in Nursing, v. 25, n. 4, p. 380–388, 2020.	Estudo descritivo, com abordagem quantitativa	Identifica limitações de conhecimento sobre terapias complementares, apesar de atitudes favoráveis entre participantes.
Görücü e Aydın Sayılan (2021)	Turkish nurses' knowledge levels concerning complementary and alternative treatment methods. Advances in Integrative Medicine, v. 8, n. 3, p. 187–192, 2021.	Estudo transversal	Relata que 81,3% dos enfermeiros participantes não haviam recebido treinamento sobre terapias complementares.
Dehghan et al. (2022)	Iranian nurses' knowledge and attitude toward complementary and alternative medicines: is there any relation with quality of nursing care?. Frontiers in Public Health, v. 10, 942354, 2022.	Estudo transversal	Não encontrou correlação estatisticamente significativa entre conhecimento/atitude sobre terapias complementares e qualidade do cuidado.
Diniz et al. (2022)	Práticas integrativas e complementares na Atenção Primária à Saúde. Ciência, Cuidado e Saúde, v. 21, e60462, 2022.	Estudo qualitativo; equipe multiprofissional	Descreve práticas na APS e contribuições percebidas para vínculo e integralidade; inclui profissionais de enfermagem.
Pereira, Souza e Schveitzer (2022)	Práticas Integrativas e Complementares ofertadas pela enfermagem na Atenção Primária à Saúde. Saúde em Debate, v. 46, n. esp. 1, p. 152–164, 2022.	Estudo descritivo de série temporal	Descreve a inserção e oferta de PICS por profissionais de enfermagem na Atenção Primária.
Santos et al. (2022)	Ensino das práticas integrativas e complementares em saúde na enfermagem. Research, Society and Development, v. 11, n. 2, e3111225336, 2022.	Relato de experiência	Descreve a experiência de ensino de PICS na graduação em enfermagem e discute a formação para cuidado integral. Candidato; estudantes, não enfermeiros em exercício.
Chang, Mao e Huang (2023)	Nurse-led shared decision-making on complementary therapy use by patients with diabetes. Journal of Clinical Nursing, v. 32, n. 17–18, p. 6310–6321, 2023.	Pesquisa-ação participativa	Explora decisão compartilhada liderada por enfermeiros sobre terapias complementares em pessoas com diabetes.
Mildemberg et al. (2023)	Práticas Integrativas e Complementares na atuação dos enfermeiros da Atenção Primária à Saúde. Escola Anna Nery, v. 27, e20220074, 2023.	Estudo transversal;	Entre 195 enfermeiros, 43 utilizavam PICS e 31 possuíam formação na área.
Wickert et al. (2023)	Práticas integrativas e complementares, perfil e cuidados de enfermeiras(os) às pessoas com hipertensão. Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 31, e3916, 2023.	Estudo de métodos mistos	Investiga perfil e utilização das PICS por enfermeiros no cuidado a pessoas com hipertensão.
Abrantes et al. (2024)	Enfermagem integrativa no Nordeste brasileiro: inserção, potencialidades e desafios. Revista Gaúcha de Enfermagem, v. 45, e20230205, 2024.	Pesquisa qualitativa	Identifica potencialidades e dificuldades para a inserção da enfermagem integrativa, incluindo aspectos organizacionais e de qualificação.
Durans et al. (2024)	Práticas integrativas e complementares na atenção primária: contribuições à integralidade do cuidado em saúde.. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 10, n. 3, p. 800–812, 2024.	Artigo de revisão	Discute PICS e integralidade na APS; no resumo não há achado específico de enfermagem.
Wickert et al. (2024)	Autonomia profissional e atuação de enfermeiras(os) de práticas integrativas: estudo misto. Texto & Contexto – Enfermagem, v. 33, e20240102, 2024.	Estudo de métodos mistos	Discute a autonomia profissional de enfermeiros que atuam com PICS e suas condições de trabalho.
Borges et al. (2025)	Saberes e práticas dos profissionais da atenção primária à saúde sobre a PNPIC. Enfermagem Brasil, v. 24, n. 5, p. 2770–2783, 2025.	Pesquisa transversal, quantitativa	Em 76 profissionais da APS, 59 relataram conhecer PICS, mas houve limitações de experiência/conhecimento. Resultados não exclusivos de enfermeiros.
Nörnberg e Porto (2025)	Práticas integrativas e complementares na atenção primária em saúde, desafios, estratégias e resultados: revisão integrativa. Contribuciones a las Ciencias Sociales, v. 18, n. 12, e23200, 2025.	Revisão integrativa	Discute desafios e estratégias para a implementação das PICS na APS; confirmar contribuição específica para a enfermagem.

AUTOR(ES)	REFERÊNCIAS	MÉTODO	PRINCIPAIS RESULTADOS
Piexak et al. (2025)	Prevalence of Traditional, Complementary, and Integrative Medicine Training, Its Different Practices, and Associated Sociodemographic Factors. Journal of Integrative and Complementary Medicine, v. 31, n. 5, p. 454–462, 2025.	Estudo quantitativo e transversal	Prevalência da formação de enfermeiros em Práticas Integrativas e Complementares em Saúde e sua associação com fatores sociodemográficos.
Bezerra e Sousa (2026)	Práticas Integrativas e Segurança do Paciente em Unidades de Terapia Intensiva: Uma Revisão Integrativa. Nursing Edição Brasileira, v. 31, n. 336, p. 13942–13948, 2026.	Revisão integrativa	Síntese de oito estudos de intervenções complementares em UTI, incluindo musicoterapia e aromaterapia; efeitos relatados sobre sintomas e conforto, com limitações de evidência.
Lee, Lin e Huang (2026)	Explore the status of communication between nursing staff and patients on complementary therapy issues. Holistic Nursing Practice, v. 40, n. 1, p. 46–55, 2026.	Estudo com enfermeiros	Aborda a comunicação entre equipe de enfermagem e pacientes sobre o uso de terapias complementares.

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

4 DISCUSSÃO

A integralidade constitui uma das características primordiais associadas à oferta das PICS pela enfermagem, se relacionando ao processo de humanização da assistência. A percepção do indivíduo como protagonista, considerando seus aspectos psicossociais, culturais e religiosos além dos fisiológicos, contribui para um entendimento estendido do processo saúde-doença. Essa perspectiva une as PICS à uma assistência que considera diferentes necessidades do usuário e possibilidades de intervenção para além de uma abordagem centrada na doença (Pereira; Souza; Schveitzer, 2022). Essa abordagem é particularmente relevante para a enfermagem, visto a posse de um papel estratégico na promoção da saúde e na prevenção de agravos, assim como na educação em saúde. Dessa forma, o uso das PICS pode fortalecer ações voltadas à autonomia do indivíduo e à participação ativa no próprio processo de cuidado, além de proporcionar ampliação de possibilidades de assistência oferecida aos usuários, como evidenciado por Branco *et al.* (2020).

Os resultados indicam a inserção do enfermeiro nas Práticas Integrativas e Complementares em Saúde em diferentes níveis assistenciais, com destaque para a Atenção Primária à Saúde (APS). De acordo com Diniz *et al.* (2022), práticas como auriculoterapia, arteterapia, Reiki e uso de plantas medicinais são vistas em APS, destacando aspectos relacionados ao vínculo e à integralidade do cuidado. Segundo as evidências, a participação da categoria envolve oferta, execução e inserção das práticas às ações de cuidado, por mais que sua utilização ainda ocorra de forma heterogênea entre os profissionais (Pereira; Souza; Schveitzer, 2022; Mildemberg *et al.*, 2023; Abrantes *et al.*, 2024).

Essa conjuntura também é observada no estudo promovido por Barbosa *et al* (2020), em que evidencia divergências na oferta das PICS na Estratégia Saúde da Família em território nacional, demonstrando que a disponibilidade dessas práticas não ocorre de maneira uniforme entre os serviços e localidades. Ademais, as PICS podem ser encontradas incorporadas ao próprio cuidado de enfermagem, como é /exemplificado pelo estudo promovido por Wickert *et al.* (2023), que descreve a presença das PICS entre as possibilidades terapêuticas utilizadas pelos enfermeiros no acompanhamento de paciente com hipertensão, evidenciando uma forma de integração das práticas ao cuidado de enfermagem.

Por outro ângulo, nota-se que por mais que haja diferentes possibilidades de adição da enfermagem integrativa nos serviços de saúde, sua aplicação não depende apenas da iniciativa individual do profissional enfermeiro. Estudos apontam que a inclusão das PICS também sujeita-se às condições institucionais, incluindo organização do serviço, espaço, materiais, apoio da gestão e oportunidades de qualificação. Tais condições podem atuar tanto como impulsionadores quanto limitadores para a consolidação e continuidade das práticas nos serviços de saúde (Abrantes *et al*., 2024; Nörnberg; Porto, 2025).

No âmbito das terapias complementares um pilar relevante a ser considerado é a comunicação. Por mais que já se tenha disponibilidade de evidências científicas, percebe-se que o ceticismo pelos modelos não biomédicos ainda permeia e a ausência de troca de informações podem interferir na aderência das PICS pelo assistido. Esse entrave reforça a importância da comunicação sobre benefícios, riscos e limitações de cada intervenção, se tornando um instrumento valioso para a construção de um cuidado assistencial seguro e de qualidade (Chang *et al*., 2023; Lee, Lin e Huang, 2026).

Um grande exemplo é o estudo de Chang, Mao e Huang (2023), que em pesquisa-ação participativa com pacientes com diabetes avaliaram um modelo de cuidado liderado por enfermeiros que teve a decisão compartilhada como núcleo. Por meio desse processo, evidenciou-se a relevância de prestar informações claras ao paciente, visto que o alinhamento de riscos e benefícios amplia a segurança na aplicação das práticas e favorece sua inclusão no processo de tomada de decisão terapêutica. Além da abordagem mais participativa, a adoção do modelo ofereceu subsídios para um acompanhamento contínuo mais efetivo, fator vital para coleta de dados e avaliação de seus benefícios a longo prazo.

A síntese dos estudos destaca que um dos aspectos mais notáveis do cuidado integral reside no fortalecimento do vínculo e da comunicação entre profissionais e pacientes. Nesse contexto, a humanização da assistência está relacionada não apenas à utilização das PICS, mas

também à maneira como o cuidado é oferecido, considerando as necessidades individuais do paciente, a escuta qualificada e a construção do vínculo entre profissional e usuário. (Diniz *et al.*, 2022). A atuação nas práticas anseia pela escuta ativa, sensibilidade às necessidades do indivíduo e respeito às suas preferências, respeitando sua individualidade e integrando-o de forma colaborativa ao planejamento assistencial. A adoção dessas estratégias pode favorecer uma abordagem mais individualizada e humanizada, permitindo que aspectos físicos, emocionais, sociais e culturais sejam considerados no planejamento da assistência. Dessa maneira, as PICS podem ampliar a perspectiva de cuidado para além do tratamento da doença (Chang *et al.*, 2023; Durans *et al.*, 2024).

A formação profissional foi um tema recorrente entre os estudos analisados, especialmente quanto ao conhecimento das modalidades e à capacitação para sua aplicação. Santos *et al.* (2022) discutem o ensino das PICS na enfermagem e demonstram a importância da inserção dessas temáticas no processo de formação dos profissionais. A abordagem das práticas integrativas durante a graduação pode favorecer a construção de conhecimentos e competências necessárias à assistência, contribuindo para que o futuro enfermeiro compreenda essas modalidades não como substitutas indiscriminadas dos tratamentos convencionais, mas como estratégias complementares que devem ser empregadas de acordo com as necessidades e condições clínicas de cada usuário (Branco *et al.*, 2020; Mildemberg *et al.*, 2023).

No contexto brasileiro, Andres *et al.* (2020) em pesquisa realizada com 508 enfermeiros de 19 estados brasileiros sobre PICS, evidenciaram a existência do reconhecimento das práticas e sua disponibilidade, mas embora a maioria acreditasse que as PICS poderiam ser implementadas nos serviços de saúde, os participantes, em geral, não demonstraram desejo de trabalhar nessa área, aspecto que reforça a necessidade do incentivo por qualificação para ampliar o conhecimento dos enfermeiros sobre as diferentes modalidades terapêuticas. Já Borges *et al.* (2025), ao estudarem os saberes e práticas dos profissionais da APS, observaram conhecimento considerado básico ou insuficiente sobre a PNPIC, enquanto Mildemberg *et al.* (2023) verificaram em sua pesquisa que, entre 195 enfermeiros, 43 utilizavam PICS e apenas 31 possuíam formação na área. Em consenso, os estudos realizados com uma gama de enfermeiros de diferentes estados constataram que a maioria dos enfermeiros conheciam as PICS e a política relacionada a essas práticas, assim como sua presença no SUS, mas que não necessariamente possuíam a formação necessária para a aplicabilidade clínica (Andres *et al.*, 2020; Branco *et al.*, 2020; Wickert *et al.*, 2024; Borges *et al.*, 2025).

Por outro lado, Mildemberg *et al.* (2023) menciona a existência de programas educacionais como estratégia de incentivo à formação na área. É o caso do Sistema Universidade Aberta do SUS (UNA-SUS) que oferta cursos gratuitamente como possibilidades de ampliar o acesso dos profissionais ao tema e visa capacitar principalmente os profissionais da rede pública de saúde. O conhecimento insuficiente pode constituir uma barreira para sua implementação e limitar a capacidade dos profissionais de orientar adequadamente os usuários. Dessa forma, a educação permanente torna-se uma estratégia importante para fortalecer a atuação da enfermagem e garantir maior segurança na utilização das PICS.

Além do conhecimento técnico, a atuação do enfermeiro nas PICS deve estar fundamentada nos princípios éticos e legais da profissão. A Resolução COFEN nº 739/2024 normatiza e estabelece as diretrizes para a atuação da enfermagem nas PICS. A norma esclarece que os enfermeiros dispõem de autonomia na realização das práticas desde que estejam devidamente capacitados e que sejam observados os requisitos de formação estabelecidos para cada prática. Ao passo que essas práticas vão se consolidando nos serviços de saúde, intensifica-se a carência de que sua implementação esteja atrelada à competência técnica, ao respeito aos limites profissionais e ao monitoramento contínuo do cuidado (Habimorad *et al.*, 2020; Conselho Federal de Enfermagem, 2024; Nörnberg; Porto, 2025).

A ótica brasileira encontra correspondência no movimento internacional de valorização das medicinas tradicionais e práticas complementares. A Organização Mundial da Saúde, por meio da Estratégia Global de Medicina Tradicional 2025–2034, reforça a importância da integração responsável dessas práticas aos sistemas de saúde, com atenção à segurança, qualidade, evidências científicas e regulamentação profissional (World health organization, 2025). Esse direcionamento mostra que a expansão das práticas integrativas deve estar acompanhada de mecanismos que assegurem sua utilização de maneira qualificada e segura. Esses achados contribuem para a discussão sobre a atuação do enfermeiro nas PICS, particularmente quanto à organização do cuidado e à necessidade de respaldo técnico para o exercício profissional (Wickert *et al.*, 2024).

Vale ressaltar que essa falha não se dá apenas pela falta de incentivo acadêmico. Por mais que haja uma parcela de profissionais devidamente qualificados, os serviços de saúde devem fornecer condições mínimas para a atuação. A insuficiência de apoio institucional e falta de recursos, em especial na saúde pública, tornam o processo de atuação nas PICS ainda mais complexo e pouco requisitado (Wickert *et al.*, 2024). A literatura descreve que essa omissão se transforma em barreiras na implementação adequada das PICS, não sendo atribuída

exclusivamente à iniciativa individual dos enfermeiros (Mildemberg *et al.*, 2023; Durans *et al.*, 2024; Nörnberg; Porto, 2025).

Um estudo importante acerca do tema foi elaborado por Piexak *et al.* (2025), em que participaram 1.154 enfermeiros de diferentes localidades. Dentre eles, apenas 43,5% possuíam formação em Medicina Tradicional, Complementar e Integrativa (Traditional, Complementary, and Integrative Medicine – TCIM), sendo que 64,6% desse grupo implementavam essas práticas em sua atuação. Atrelado a essa realidade foi possível perceber que a idade, regionalidade e a renda foram condições que moldaram o acesso à capacitação, ocorrendo de maneira desigual entre os profissionais.

Em âmbito internacional, estudos realizados também identificaram limitações relacionadas ao conhecimento e à formação dos enfermeiros sobre as terapias complementares. Em estudo com 233 enfermeiros iranianos, Zeighami e Soltani-Nejad (2020) apontam conhecimento defasado sobre Medicina Complementar e Alternativa (Complementary and Alternative Medicine – CAM), apesar de 71,1% dos participantes terem a visão de que essas práticas são efetivas no tratamento de doenças. De forma semelhante, Görücü e Aydın Sayılan (2021), ao avaliarem 300 enfermeiros na Turquia, notaram que 81,3% dos participantes não tinham treinamento sobre o tema. Igualmente reproduzido por Dehghan *et al.* (2022), que avaliaram 267 enfermeiros e detectou conhecimento insuficiente sobre CAM, embora os profissionais demonstraram uma percepção positiva em relação à utilização dessas práticas.

A relação entre as PICS e a segurança assistencial também é abordada por Bezerra e Sousa (2026), em que discutem a utilização dessas práticas em Unidades de Terapia Intensiva (UTI). Nesse ambiente, a condição clínica dos pacientes exige atenção especial à escolha e à aplicação das intervenções, mas ao ser empregado aromaterapia e musicoterapia, foi visto redução dos riscos associados à sedação excessiva e melhora do conforto dos pacientes. Assim, a atuação do enfermeiro deve considerar as particularidades de cada paciente, as possíveis contraindicações e interações com os tratamentos convencionais, além da necessidade de acompanhamento durante a assistência. Esses cuidados são importantes para que a utilização das PICS ocorra de forma complementar e não comprometa a segurança do paciente.

Não obstante, não se deve estabelecer automaticamente uma relação direta entre o conhecimento, a formação profissional e a qualidade do serviço prestado. Segundo Dehghan *et al.* (2022), não há correlação estatisticamente significativa entre conhecimento ou atitude em relação à CAM e a qualidade do cuidado de enfermagem. Dessa forma, ao passo que a formação permanece relevante para a atuação tecnicamente fundamentada e para disseminação de

informações, a qualidade assistencial é entendida como um fenômeno multifatorial, em que se considera a interferência de outros fatores que resultem em um atendimento de excelência.

Outro elemento que merece destaque é a necessidade de articulação entre as PICS e as demais modalidades de assistência. As práticas integrativas não devem ser compreendidas como substituição automática das terapias convencionais, especialmente diante de condições que demandem intervenções clínicas específicas. Sua utilização deve ocorrer de forma complementar e individualizada, considerando evidências disponíveis, características do paciente e objetivos terapêuticos. Essa compreensão é essencial para evitar práticas inadequadas e garantir que a busca por terapias integrativas não resulte em atraso, abandono ou substituição indevida de tratamentos necessários (Habimorad *et al.*, 2020; World Health Organization, 2025; Bezerra; Sousa, 2026).

5 CONCLUSÃO

A presente revisão integrativa permitiu analisar a atuação do enfermeiro nas PICS, evidenciando suas contribuições para a ampliação das possibilidades assistenciais e para a promoção de um cuidado integral, humanizado e centrado nas necessidades individuais dos pacientes. Os estudos analisados demonstraram que a enfermagem desempenha papel relevante na oferta e implementação dessas práticas nos diferentes níveis de atenção à saúde, especialmente na Atenção Primária, favorecendo o fortalecimento do vínculo terapêutico, a escuta qualificada e a participação ativa do usuário no processo de cuidado.

As evidências apontam que, por mais que a enfermagem tenha espaço significativo na oferta e implementação dessas práticas, ainda enfrenta desafios relacionados à capacitação, conhecimento, estrutura dos serviços e consolidação dessas práticas no cotidiano assistencial. Da mesma forma que o conhecimento sobre determinada modalidade integrativa não significa, necessariamente, que o profissional esteja capacitado para executá-la de maneira segura, destacando a importância da qualificação técnico-científica e do reconhecimento dos limites éticos e legais da atuação profissional.

No que se refere à segurança assistencial, identificou-se que a incorporação responsável das PICS ao processo de trabalho da enfermagem depende de planejamento, avaliação individualizada, comunicação efetiva e acompanhamento dos resultados. A utilização de protocolos clínico-assistenciais, fundamentados em evidências científicas e respaldados pelas regulamentações profissionais, constitui um elemento importante para orientar a execução dessas práticas, reconhecer possíveis riscos e contraindicações e favorecer a segurança do

paciente. Em relação à qualidade do cuidado, os resultados apontaram a relevância da maneira como o atendimento é conduzido, considerando as necessidades individuais, as preferências do paciente e sua participação no planejamento assistencial. Ainda nesse contexto, a tomada de decisão compartilhada e a integração entre os profissionais de saúde também se destacam como estratégias relevantes para a continuidade e a qualidade da assistência.

Assim, as implicações das PICS para a segurança assistencial e a qualidade do cuidado dependem diretamente da forma como essas práticas são incorporadas ao processo de trabalho da enfermagem. Quando utilizadas de maneira planejada, ética, tecnicamente fundamentada e adequada às necessidades individuais, podem ampliar as possibilidades terapêuticas e fortalecer uma assistência integral e centrada no paciente, reduzindo danos e riscos de tratamentos alopáticos.

Dessa forma, conclui-se que a atuação do enfermeiro nas Práticas Integrativas e Complementares em Saúde apresenta potencial para fortalecer a integralidade, a humanização e a individualização do cuidado, desde que sua utilização esteja fundamentada em competências profissionais, respaldo ético-legal, evidências científicas e condições institucionais adequadas. A articulação entre formação profissional, regulamentação, organização dos serviços, comunicação efetiva, avaliação individualizada e acompanhamento dos resultados constitui um conjunto de elementos essenciais para a incorporação responsável dessas práticas à assistência de enfermagem. Recomenda-se, portanto, o desenvolvimento de novas pesquisas que investiguem os resultados clínicos, os possíveis riscos e as contribuições das PICS para a segurança assistencial e a qualidade do cuidado, favorecendo o aprimoramento das práticas profissionais e a consolidação da enfermagem no campo da saúde integrativa.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Maria Jussiany Gonçalves de *et al*. Enfermagem integrativa no Nordeste brasileiro: inserção, potencialidades e desafios. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 45, e20230205, 2024. DOI: 10.1590/1983-1447.2024.20230205.pt.

ANDRES, Fabiane da Costa *et al*. Conhecimento de enfermeiros acerca das práticas integrativas e complementares em saúde. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, e969975171, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i7.5171.

BARBOSA, Fernanda Elizabeth Sena *et al*. Oferta de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde na Estratégia Saúde da Família no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 1, e00208818, 2020. DOI: 10.1590/0102-311X00208818.

BEZERRA, Alexsandra Maria Ferreira de Araújo; SOUSA, Francislaine Almeida de. Práticas Integrativas e Segurança do Paciente em Unidades de Terapia Intensiva: uma revisão

integrativa. **Nursing Edição Brasileira**, v. 31, n. 336, p. 13942-13948, 2026. DOI: 10.36489/nursing.2026v31i336p13942-13948.

BORGES, João Paulo Assunção *et al.* Saberes e práticas dos profissionais da atenção primária à saúde sobre a política nacional de práticas integrativas e complementares. **Enfermagem Brasil**, v. 24, n. 5, p. 2770-2783, 2025. DOI: 10.62827/eb.v24i5.4092.

BRANCO, Grace Cilene Torquarto *et al.* Atuação da enfermagem nas práticas integrativas e complementares. **Saúde Coletiva**, v. 10, n. 55, p. 2751-2764, 2020. DOI: 10.36489/saudecoletiva.2020v10i55p2751-2764.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Departamento de Promoção da Saúde. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS: atitude de ampliação de acesso.** 3. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2026. 23 p.

CHANG, Hsiao-Yun; MAO, Pei-Ling; HUANG, Chun-Yu. Nurse-led shared decision-making on complementary therapy use by patients with diabetes: an participatory action research. **Journal of Clinical Nursing**, v. 32, n. 17-18, p. 6310-6321, 2023. DOI: 10.1111/jocn.16718.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. Resolução Cofen nº 739, de 5 de fevereiro de 2024. Normatiza a atuação da Enfermagem nas Práticas Integrativas e Complementares em Saúde. Brasília, DF: Cofen, 2024.

DEHGHAN, Mahlagha *et al.* Iranian nurses' knowledge and attitude toward complementary and alternative medicines: is there any relation with quality of nursing care? **Frontiers in Public Health**, v. 10, 942354, 2022. DOI: 10.3389/fpubh.2022.942354.

DINIZ, Fernanda Rodrigues *et al.* Práticas integrativas e complementares na Atenção Primária à Saúde. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 21, e60462, 2022. DOI: 10.4025/ciencuidsaude.v21i0.60462.

DORNELES, Flávia Camef *et al.* Enfermagem e as Práticas Integrativas e Complementares em saúde: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 9, e445997446, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i9.7666.

DURANS, Thamires Macedo *et al.* Práticas integrativas e complementares na atenção primária: contribuições à integralidade do cuidado em saúde. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 3, p. 800-812, 2024. DOI: 10.51891/rease.v10i3.13172.

GÖRÜCÜ, Rabia; AYDIN SAYILAN, Aylin. Turkish nurses' knowledge levels concerning complementary and alternative treatment methods: a cross-sectional interview survey. **Advances in Integrative Medicine**, v. 8, n. 3, p. 187-192, 2021. DOI: 10.1016/j.aimed.2020.08.005.

HABIMORAD, Pedro Henrique Leonetti *et al.* Potencialidades e fragilidades de implantação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 2, p. 395-405, 2020. DOI: 10.1590/1413-81232020252.11332018.

LEE, Tzu-Yueh; LIN, Ruei-Jhen; HUANG, Cheng-Yi. Explore the status of communication between nursing staff and patients on complementary therapy issues. **Holistic Nursing Practice**, v. 40, n. 1, p. 46-55, 2026. DOI: 10.1097/HNP.0000000000000678.

MILDEMBERG, Rafaela *et al.* Práticas Integrativas e Complementares na atuação dos enfermeiros da Atenção Primária à Saúde. **Escola Anna Nery**, v. 27, e20220074, 2023. DOI: 10.1590/2177-9465-EAN-2022-0074pt.

NÖRNBERG, Lídia Garcia Schmidt; PORTO, Adrize Rutz. Práticas integrativas e complementares na atenção primária em saúde, desafios, estratégias e resultados: revisão integrativa. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, v. 18, n. 12, e23200, 2025. DOI: 10.55905/revconv.18n.12-363.

PEREIRA, Erika Cardozo; SOUZA, Geisa Colebrusco de; SCHVEITZER, Mariana Cabral. Práticas Integrativas e Complementares ofertadas pela enfermagem na Atenção Primária à Saúde. **Saúde em Debate**, v. 46, n. esp. 1, p. 152-164, 2022. DOI: 10.1590/0103-11042022E110.

PIEXAK, Diéssica Roggia *et al.* Prevalence of Traditional, Complementary, and Integrative Medicine Training, Its Different Practices, and Associated Sociodemographic Factors: a study with Brazilian nurses. **Journal of Integrative and Complementary Medicine**, v. 31, n. 5, p. 454-462, 2025. DOI: 10.1089/jicm.2024.0398.

SANTOS, Thaiane Santana *et al.* Ensino das práticas integrativas e complementares em saúde na enfermagem. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 2, e3111225336, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i2.25336.

WICKERT, Daiana Cristina *et al.* Autonomia profissional e atuação de enfermeiras(os) de práticas integrativas: estudo misto. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 33, e20240102, 2024. DOI: 10.1590/1980-265X-TCE-2024-0102pt.

WICKERT, Daiana Cristina *et al.* Práticas integrativas e complementares, perfil e cuidados de enfermeiras(os) às pessoas com hipertensão: estudo misto. **Revista Latino-Americana de Enfermagem,** v. 31, e3916, 2023. DOI: 10.1590/1518-8345.6287.3916.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global traditional medicine strategy 2025–2034**. Geneva: World Health Organization, 2025. Disponível em: https://www.who.int/publications/i/item/9789240113176.

ZEIGHAMI, Maryam; SOLTANI-NEJAD, Somayeh. Knowledge, attitude, and practice of complementary and alternative medicine: a survey of Iranian nurses. **Journal of Research in Nursing**, v. 25, n. 4, p. 380-388, 2020. DOI: 10.1177/1744987120925852.